



**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS
DE SERGIPE-FANESE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO – NPGE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO,
INTERPRETAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

João Ulisses de Melo Filho

**Sargento Getúlio: A tradução da variação linguística do sergipano para o
inglês**

Aracaju-SE

2019.1

JOÃO ULISSES DE MELO FILHO

Sargento Getúlio: A tradução da variação linguística do sergipano para o inglês

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe-FANESE- como um dos pré-requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Especialista em Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Ponciano Bezerra

Coordenador do curso: Prof^a. Ma. Mônica Maria Soares Rosário

Aracaju-SE

2019.1

Sargento Getúlio: A tradução da variação linguística do sergipano para o inglês

João Ulisses de Melo Filho¹

Resumo

Este artigo trata da auto tradução do romance Sargento Getúlio de 1971, para o inglês, feita pelo escritor João Ubaldo Ribeiro (1941-2014). Procuramos observar suas escolhas e opções feitas na obra a partir da variação linguística do sergipano para aquela língua. Os termos regionais, a culinária, a geografia, as expressões idiomáticas, os neologismos criados pelo próprio autor. Veremos também razões pelas quais ele se tornou o tradutor do seu romance, sua relação e ideias sobre auto tradução, os desafios de traduzir uma cultura tão específica, como a nordestina, para uma cultura completamente diferente. A relação autor e auto tradutor, os riscos inevitáveis desse confronto e a responsabilidade de fazer-se compreender em outro idioma. O processo metodológico deste trabalho foi fundamentado em livros, sobretudo George Mounin (1974) e Paulo Henriques Brito (2012) entrevistas do próprio autor, artigos, sites da internet com programas e documentário sobre o auto tradutor.

Palavras-chaves: Tradução. Auto tradução. Literatura. Romance. Variação linguística.

¹ Pós-graduando em Estudos da Tradução, Interpretação e Ensino de Língua Estrangeira pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (2019).
Graduado em Licenciatura em Letras português/Inglês pela Universidade Federal de Sergipe.
E-mail: ulissesfilho88@gmail.com

Sergeant Getúlio: Translating Linguistic Variation from sergipano to English

Abstract

This article deals with the self-translation of the novel Sergeant Getúlio, 1971, to English, made by the writer João Ubaldo Ribeiro (1941-2014). We seek to observe his choices and options made in the work from the linguistic variation of Sergipe to that language. The regional terms, the cuisine, the geography, the idioms, the neologisms created by the author himself. We will study the reasons why he became the translator of his novel, his relationship and ideas about self-translation, the challenges of translating such a specific culture, such as the Northeastern, into a completely different culture. The author and self-translator relationship, the perhaps inevitable risks of this confrontation, and the responsibility to be understood in another language. The methodological process of this work was based on books, especially George Mounin (1974) and Paulo Henriques Brito (2012), interviews given by the author, articles, websites with programs and documentary about the self-translator.

Keywords: Translation. Auto translation. Literature. Novel. Linguistic Variation.

Sumário

1	Introdução	6
2	O autor	7
3	O Romance – Sargento Getúlio	10
4	João Ubaldo Ribeiro e a Tradução	12
5	Sargento Getúlio: A auto tradução da variação linguística do sergipano para o inglês.	13
	5.1 Expressões locais, léxico nordestino	13
	5.2 Variações linguísticas do sargento diante da “norma padrão gramatical” ...	18
	5.3 Léxico referente à culinária, indumentária, objetos, nomes próprios e folclore local.....	20
	5.4 Palavras chulas e palavras estrangeiras na variação linguística do sergipano.	23
6	Considerações:	26
7	Referência Bibliográficas:.....	28

1 Introdução

A literatura talvez seja a modalidade mais difícil onde a tradução atua, o que chamamos de literatura aqui é o romance de ficção ou documental, diferentemente, por exemplo, dos textos técnicos e acadêmicos. Difícil porque exige não apenas a transferência de uma palavra de uma língua para outra, mas também traduzir a cultura de um povo com seus sentimentos, sua história, arquitetura, modo de vida, modo de pensar e toda a complexidade que possa haver no ser humano, pois nós estamos traduzindo o humano e o seu mundo e não apenas meras palavras. George Mounin nos chama a atenção:

Ao falarmos do mundo em duas línguas diferentes, jamais estamos falando exatamente do mesmo mundo: daí a impossibilidade teórica de passar de uma língua para outra, quando essa passagem postula uma outra passagem, na verdade inexistente, de um mundo da experiência para outro (de uma experiência do mundo para outra). (MOUNIN, 1974, p.77)

A fidelidade, a aproximação que se propõe ao traduzir um texto literário, torna a tarefa árdua se vemos desse ponto de vista: A impossibilidade teórica, já que estamos falando de mundos diferentes. Diferenças geográficas, culturais e históricas tornam a tradução um trabalho complexo e multifacetado, palavra por palavra não é o suficiente para transmitir a ideia de uma realidade para outra. O léxico, a semântica, a sintaxe são variáveis em uma mesma língua e se diferenciam nas diversas línguas. O uso que fazemos de cada constituinte torna a língua única no universo, daí devemos fazer escolhas quando traduzimos.

Nosso trabalho propõe observar a tradução do livro Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro do português para o inglês, tradução essa que tem duas características peculiares. A primeira é pelo fato de ser uma auto tradução, o próprio escritor verteu o seu livro para o inglês norte-americano, três anos após ele ser publicado nos Estados Unidos e a segunda porque a história se passa no Nordeste brasileiro no estado de Sergipe, ou seja, uma realidade, supõe-se, completamente desconhecida do povo americano.

O livro discorre sobre a geografia do Nordeste, a história específica da localidade, pessoas que ali vivem, seus costumes, modos, vestimentas, adereços, a culinária local, seus conflitos e, sobretudo a linguagem com suas variações linguísticas e dialetos.

Como dissemos anteriormente, pretendemos observar apenas. Observar como foi feita essa passagem linguística da obra. Não queremos aprofundar ou qualificar essas passagens, vamos somente comentar as opções feitas pelo autor/tradutor, a “releitura”, digamos assim, de sua própria obra, uma releitura também no sentido de tê-la em outro nível linguístico. Diríamos também, vamos tentar sentir a transferência do nosso linguajar para outro tão distinto.

A elaboração da pesquisa foi feita de modo direto. Cotejamos os dois livros, um em português o outro em inglês, pinçamos algumas frases, expressões idiomáticas, onomatopeias, algumas bem específicas; por exemplo, quando a personagem usa, em sua fala, a repetição do pronome, uma anteposta outra posposta, em um verbo pronominal; as variações linguísticas advindas de advérbios; palavras e frases fora da “norma padrão gramatical”; elementos da fauna e flora locais; uso de palavras chulas; neologismos. Esse levantamento está disposto em linhas e procuramos dar prioridade as frases pequenas, curtas, pois o objetivo é apenas levar uma mostra das possibilidades encontradas pelo autor/tradutor que a partir delas podemos, com uso da imaginação e criatividade, pensar em outras possibilidades.

Percebemos que para uma análise mais aprofundada e estudada não seria possível em tão pouco tempo que é dado ao trabalho de TCC. Optamos por algo mais limitado, porém de modo que esse trabalho, que não é único e nem pioneiro, venha contribuir para a discussão sobre as infinitas possibilidades que é a tarefa da tradução, sobretudo no Brasil que há ainda pouca literatura sobre o assunto, embora sabemos que há um crescimento visível na área.

2 O autor²

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu em Itaparica a 23 de janeiro de 1941. Escritor, jornalista, cronista, roteirista (escreveu algumas adaptações de seus livros para o cinema) e professor brasileiro.

Nasceu na casa do avô materno, quando completou dois meses de idade a família mudou-se para Aracaju, Sergipe onde passou a infância. Seu pai, Manuel Ribeiro, advogado de renome na capital baiana, veio a ser o fundador e diretor do curso

² Pesquisas em entrevistas diversas em sites citados nas referências e Autorretratos pp. 351-370.

de direito da Universidade católica de Salvador. João Ubaldo tinha dois irmãos, Sônia Maria e Manuel. Sua mãe era Maria Filipa Osório Pimentel. Incentivado por seu pai leu autores como Padre Antônio Vieira, Padre Manuel Bernardes, Shakespeare, Homero, Miguel de Cervantes, Machado de Assis e José de Alencar, dentre outros, que o influenciaram desde cedo.

Quanto à sua formação dizia o próprio autor que seu pai, por ser professor, não suportava a ideia de ter um filho analfabeto e João Ubaldo iniciou seus estudos com um professor particular, em 1947. Alfabetizado, ingressou no Instituto Ipiranga, em 1948, ano em que leu muitos livros, principalmente a obra de Monteiro Lobato que o fascinou imediatamente. A exigência do pai fez com que João Ubaldo se empenhasse intensamente nos estudos.

Em 1951 ingressou no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, em Aracaju. Ainda, segundo o autor, nessa época, ele tinha que prestar contas ao pai, diariamente, sobre os textos que havia lido e algumas vezes era obrigado a resumir alguns deles. Afirma ter feito essas tarefas com prazer e, nas férias, estudava também o latim. Seu pai era chefe da polícia militar, e nessa época, sofreu pressões políticas, o que o fez transferir-se com a família para Salvador. Na capital baiana João Ubaldo é matriculado no Colégio Sofia Costa Pinto. Em 1955 matriculou-se no curso clássico do Colégio da Bahia, conhecido como *Colégio Central*, onde conheceu seu colega Glauber Rocha. Em 1958 iniciou seu curso de direito na Universidade Federal da Bahia. Em 1959, entrou para o curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército no CPOR da Bahia., mas não chegou a completá-lo.

A carreira literária iniciou-se em 1959 participando da antologia Panorama do Conto Baiano com *Lugar e Circunstância*; a antologia é publicada pela Imprensa Oficial da Bahia. Nesse período trabalha na Prefeitura de Salvador como *office-boy* do Gabinete e logo em seguida como redator do Departamento de Turismo. Em 1961, participa da coletânea de contos *Reunião*, editada pela Universidade Federal da Bahia, com os contos *Josefina*, *Decalhão* e *O Campeão*.

Em 1963 escreveu seu primeiro romance, *Setembro Não Faz Sentido*, com prefácio do colega Glauber Rocha e apadrinhamento de Jorge Amado. O título original seria *A Semana da Pátria*, mas por sugestão da editora, João Ubaldo alterou o título. A Editora Civilização Brasileira lança, em 1971, o romance Sargento Getúlio, feito que

garantiu a João Ubaldo o prêmio Jabuti de 1972 concedido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria "Revelação de Autor".

Publicou, em 1974, o livro de contos *Vencecavalo e o outro povo*, cujo título inicial era *A guerra dos Pananaguás*, pela editora Artenova. Com tradução feita pelo próprio autor, vários romances tornaram-se famosos no exterior, entre eles o *Sargento Getúlio* que, lançado nos Estados Unidos em 1978, ganhou receptividade pela crítica do país. Em 1981 muda-se para Lisboa, Portugal e, voltando ao Brasil, publica *Política* - livro ainda adotado em faculdades e republicado como *Já Podeis da Pátria Filhos* -, além de iniciar colaboração no jornal O Globo. Sua produção jornalística nessa época foi reunida em 1988 no livro *Sempre aos Domingos*.

Em 1982 inicia o romance *Viva o Povo Brasileiro* (intitulado primeiramente como *Alto lá, meu general*). Nesse ano participou do *Festival Internacional de Escritores*, em Toronto, Canadá. *Viva o povo Brasileiro* é finalmente editado em 1984, e recebe o Prêmio Jabuti na categoria "Romance" e o Golfinho de Ouro, do governo do Rio de Janeiro. Inicia a tradução do livro para a língua inglesa, tarefa que lhe consumiu dois anos de trabalho, a partir do qual começa a utilizar o computador. Ao lado dos escritores Jorge Luis Borges e Gabriel Garcia Marquez, participa de uma série de nove filmes produzidos pela TV estatal canadense sobre a literatura na América latina.

Em 1983, estreia na literatura infanto-juvenil com o livro *Vida e paixão de Pandonar, O Cruel*. Em 1989 lança o romance *O sorriso do lagarto*. Sua segunda experiência na literatura infanto-juvenil apresenta-se em 1990 com o livro *A Vingança de Charles Tiburone*.

Neste ano João participa do *Frankfurter Rundschau* e, retornando em 1991 ao Brasil, fixa-se no Rio de Janeiro. Em 1994 lança o livro de crônicas *Um brasileiro em Berlim*, sobre sua estada na cidade. Publica, em 1997, o romance *O feitiço da Ilha do Pavão*, pela editora Nova Fronteira. No mesmo ano, antes da publicação deste romance, João Ubaldo é hospitalado com fortes dores de cabeça devido uma queda. Foi escolhido, em 1999, um dos escritores em todo mundo para dar um depoimento ao jornal francês "Libération" sobre o milênio que se aproximava na época.

Em 2008 recebeu o Prêmio Camões sendo o oitavo brasileiro a ganhar o prêmio. João Ubaldo Ribeiro morreu na madrugada do dia 18 de julho de 2014 em sua casa, no

bairro do Leblon, na cidade do Rio de Janeiro. João Ubaldo sofreu uma embolia pulmonar. No dia 19 de julho o corpo foi cremado.

Principais obras:

Setembro não tem Sentido – 1968

Sargento Getúlio – 1971

Vila Real – 1979

Viva o Povo Brasileiro – 1984

O Sorriso do lagarto – 1989

O Feitiço da Ilha do Pavão – 1997

A casa dos Budas Ditosos – 1999

Miséria e Grandeza do Amor de Benedita (primeiro livro virtual lançado no Brasil)
2000

Diário do Farol – 2002

O Albatroz Azul – 2009

Contos

Vencecavalo e o Outro Povo - 1974

Livro de histórias - 1981. Reeditado em 1991, incluindo os contos "Patrocinando a arte" e "O estouro da boiada", sob o título de Já podeis da pátria filhos

Ensaaios

Política: quem manda, por que manda, como manda - 1981

Literatura infanto-juvenil

Vida e Paixão Pandonar, O Cruel - 1983

A vingança de Charles Tiburone – 1990

Dez bons conselhos de meu pai - 2011

3 O Romance – Sargento Getúlio

O livro Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro foi publicado em 1971 e no ano seguinte, em 1972, ganhou o prêmio Jabuti da câmara Brasileira do Livro. Em 1978 foi traduzido para o inglês pelo próprio autor e publicado nos Estados Unidos com sucesso. A obra também foi traduzida para outras línguas, porém não pelo autor.

Supomos que a história se passa na década de 50, já que a narrativa faz referências a políticos e situações da época. O cenário é o nordeste brasileiro, especificamente o estado de Sergipe, a personagem principal é evidentemente o sargento Getúlio, tendo ainda duas personagens relevantes que participam diretamente

do universo do sargento, o prisioneiro político e o motorista Amaro. Como personagens secundárias temos Luzinete, namorada do sargento; o agricultor, sua esposa e filha que dão abrigo a Getúlio; o padre que também recebe Getúlio; o tenente que tem a função de ir atrás de Getúlio; e outras personagens que são apenas citadas na narrativa.

O enredo conta a história do sargento Getúlio Santos Bezerra da Polícia Militar do estado de Sergipe que tem por missão, antes de sua aposentadoria para descansar em algum lugar em Japarutuba, levar de Paulo Afonso para Aracaju, um prisioneiro que é adversário de um importante chefe político da capital sergipana. Apenas o sargento, o prisioneiro e o motorista estão nessa viagem.

Durante o percurso a política do estado muda e seu chefe quer que o sargento dispense o prisioneiro, porém por uma questão de honra, Getúlio decide não entregar o preso e pretende terminar a viagem a qualquer custo. Logo, a personagem enfrenta com crueldade e violência os seus perseguidores e a resistência do prisioneiro. Ainda que em menor número e a perda do amigo Amaro, Getúlio chega à Barra dos Coqueiros, perto de Aracaju, para entregar o adversário político como prometido. O final do livro não explica o que vai acontecer ao sargento.

A narrativa tem o formato de monólogo feita por Getúlio, primeiro dirigido ao prisioneiro e em seguida um monólogo interior quebrado por alguns diálogos. Os pensamentos e as reflexões de Getúlio expõem episódios do seu passado e presente de modo não linear com empregos de neologismos, redundâncias, regionalismos e uma linguagem peculiar da personagem. Assim, o leitor fica sabendo que ele foi pobre, feirante, engraxate e que já matara antes e que ganhara a patente de sargento pela fidelidade ao seu chefe que buscara como proteção política, Acrísio Nunes. O livro é enriquecido pelas informações geográficas da região, culinária e o modo de vida daquela população.

Os traços violentos da personagem são realçados pelo autor quando sua honra é posta à prova, desse modo a história conta com críticas sócias e políticas, o ambiente e as figuras da época, de modo sutil e complexo.

O romance é, provavelmente ao lado de *Viva o Povo Brasileiro*, o mais conhecido e o mais editado do autor.

4 João Ubaldo Ribeiro e a Tradução

O escritor João Ubaldo Ribeiro, ainda que apaixonado por literatura desde criança, lendo clássicos e escrevendo pequenas histórias (Giovanni, pp. 351-370), nunca foi afeito a discutir teoria literária ou estilos literários, e muito menos teoria da tradução. Nessa área, a tradução, pouco discutiu ou opinou sobre ela, apesar de ele mesmo ter feito de duas de suas obras para o inglês, “Sargento Getúlio” e “Viva o Povo Brasileiro”. Esses dois livros foram publicados em diversos países, assim como tantos outros de sua obra, com muito sucesso de público e crítica, e foi o acaso que o tornou tradutor de suas obras, assim ele explica no programa “Jogo de Ideias”³:

(...) Eu não me lembro bem como meu segundo livro, “Sargento Getúlio”, chamou a atenção de uma editora americana que contratou o livro e eu realmente o traduzi, mas não por achar que faria melhor, era porque o livro tinha um texto difícil, até para brasileiros. Eles me mandaram as trinta primeiras laudas de um tradutor americano, que enfrentou aquilo, e ficou uma coisa horrorosa, daí resolvi fazer a tradução.

Estamos então tratando de um profissional, da literatura, escritor e não tradutor, isso quer dizer que seu trabalho nessa área é desprovido de teorias da tradução e outras questões pertinentes ao assunto, mas que chama a atenção para um tipo específico de tradutor, aquele que trabalha a auto tradução. Isso não quer dizer que ele não tenha opinião sobre o assunto, embora indiretamente, quando ele responde a uma pergunta, assim que revelou seu incômodo em escrever no “estilo carioca” no programa Roda Viva, da Tv Cultura em 23/07/2012:

Pergunta: Você tem mais dificuldade em escrever no “cariquês” do que traduzir seus livros em inglês?

Resposta: Curiosamente sim. É uma experiência fantástica a tradução. Apesar de não ser bilíngue, eu me sinto mais à vontade de traduzir para uma língua que não é a minha do que para o estilo carioca. Todo mundo entende que é um estrangeiro visitando uma língua nova. O público brasileiro (o carioca) entende que há o uso canhestro do manejo de sua língua do dia a dia.

³ Gravado durante a sexta edição do fórum das letras de Ouro Preto, novembro de 2010.

Discute-se muito na prática tradutória de como deve ser a tradução: um distanciamento do original, para que se possa recriar, reescrever o romance; ou tentar ser o mais fiel possível, de modo que o estilo do autor original seja percebido e absorvido pelo leitor da língua de chegada. Esse modelo de tradução, a auto tradução, implica que as duas possibilidades estão de alguma maneira em conflito direto com o autor/tradutor. O autor teve de escolher entre o distanciamento, para que facilite a compreensão de sua obra para o leitor estrangeiro, ou ser o mais fiel possível a si mesmo, em outra língua, mas correndo o risco de não ser compreendido, pois, segundo João Ubaldo o livro é de “difícil compreensão até para brasileiros”. O próprio João Ubaldo Ribeiro, em outra entrevista⁴ faz uma crítica, bem discreta, a esses trabalhos:

(...) Aí fiz a tradução (Sargento Getúlio), foi terrível, mas fiz. Em seguida, por uma razão semelhante, fiz a tradução de “Viva o Povo Brasileiro”. Não se achava tradutor para aquilo, e meu agente, que é muito amigo meu, Thomas Colchie, me convenceu que talvez eu fosse a única pessoa capacitada a traduzir aquilo, mas não gosto não.

Nessa passagem, o escritor, deixa claro que na verdade a tradução das duas obras foi mais um arranjo comercial do que uma opção artística ou estética, embora isso não queira dizer que não houve a preocupação de um trabalho cuidadoso e criterioso, apenas que demonstra que a relação do autor com a tradução é menos apaixonada do que o ato de escrever no vernáculo. Muitos profissionais da escrita mantiveram as duas funções, escrever e traduzir, enquanto outros optaram por uma delas, mas casos de auto tradução no Brasil não é comum, mesmo em épocas que não havia tradutores estrangeiros da nossa língua. João Ubaldo Ribeiro aceitou o desafio da auto tradução.

5 Sargento Getúlio: A auto tradução da variação linguística do sergipano para o inglês.⁵

5.1 Expressões locais, léxico nordestino

⁴ Jornal on-line Candido

<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>

⁵ O número da página se refere ao original em português da editora Record, 1982.

Expressões idiomáticas talvez sejam as mais difíceis de traduzir, elas são independentes em suas respectivas línguas, deve-se buscar o seu correspondente na língua alvo (Silveira, 2004 p. 49) O léxico também é particularizado, um objeto no nordeste, por exemplo, não tem o mesmo nome no sul.

Pág. 9 –

A gota serena é assim, não é fixe.

The great pox is like this, it's Always on the move.

Pág. 10 –

Não tem limites para a frouxidão que faz o homem dar nas canelas e botar a alma no mundo...

There are no limits to the weakness that makes a man bolt, turning his soul loose in the world...

O bexiguento lá estrebuchado...

That bastard lay there...

O segundo cabrunquento se finou...

The second unfortunate was liquidated...

Pág. 11 -

... estupora...

...his skin breaks out all over...

Amaro, ô peste...

Amaro, hey you blight...

Pág. 12 -

... pode dar manilagem na barriga...

... they can give you the heaves...

Pág. 17-

Tárcio arreganhou a porta e deu aquele grito da pega.

Tárcio pushed the door open and let out that big holler.

Pág. 18 –

Tárcio segurou ela pelo quengo...

Tárcio grabbed her by the head...

Pág. 18 –

... não arrelia, mulher dama.

...stop annoying us, loose woman.

Essa carioca sibite, acostumada a ver todo bichinho ximando o rabo dela.

This Rio slut, accustomed to having everyone drooling over her ass.

Pág. 22-

Só fogopagou.

Only pigeons.

Bicho seboso.

Greasy bastard.

Pág. 32 -

... mas vem como uma gastura na barriga.

... but it comes like a funny feeling in the belly.

Pág. 41 -

Meu pé está todo fumbambento ...

My foot is all flaky ...

Pág. 43 –

Que nada, oxente. Que nada, oxente.

Nothing like that, nothing like that.

... lascando o dedo na tiririca ...

... cutting his finger on razor sedge stalks ...

Tresantontem ...

The day before yesterday ...

Pág. 54-

... ele ia pegando apusso.

... he was going to do it by force.

Pág. 62-

A hora não era de molequeira ...

It was not the time for jokes ...

Pág. 78-

Pimento no cu dos outros é refresco.

Who gives a damn about other people's trouble?

Pág. 88 -

... mas possa ser que vá e arraste a mala ...

... but I might be disappointed ...

Pág. 99 -

Morrer é como que dormir e dormindo é quando a gente termina as consumições, por isso é que a gente sempre quer dormir.

To die is like sleeping and to sleep is to put an end to agony, which is why we always want to sleep.

Pág. 108 –

Ela tem um xodó comigo ...

She has a thing with me ...

Pág. 113 –

Porque emprenhar a mulher é bom.

Because to make a woman pregnant is good.

... mulher depois que tem filho fica como galinha choca.

... a woman after she bears a child becomes like a setting hen.

Pág. 115 –

Não vale um derréis de mel coado.

He's not Worth the trouble of knowing him.

Pág. 116 –

Tu é frouxo por demasiado.

You are yellow in excess.

Quando eu desbarafustei nos pinotes pela porta,

When I came bursting out the doors,

Pág. 118-

Eu quase dou uma gaitada porque outro muribequense é Amaro.

I almost laughed out loud because there is another Muribecan, called Amaro.

Pág. 132 –

Vá escolhendo as quixabeiras do céu, as palmatórias do inferno, hum-hum.

Better start picking the bumelia of Heaven, the cactos of Hell.

Um homem desses está prenho, e o nome dele é Fabriço Fraco Fofolento da Farofa.

A man like that is pregnant and his name is Feeble Fluffy Fabriço of the Flour.

Pág. 134 –

... anda todo trancho, espie, veja se não tem umas parenças que deu caruara nele em pequeno.

... he walks in a twisted way, see if he doesn't look like he had a rheumatic pain when he was little.

5.2 Variações linguísticas do sargento diante da “norma padrão gramatical”

Existe a variação dentro da chamada “normal padrão”, ou seja, aquela onde a gramática oficializa a chamada “forma correta” de dizer ou falar uma determinada língua. Observando as diferenças entre o inglês e o português vemos que os “desvios” linguísticos acontecem no texto em português, porém no texto em inglês o auto tradutor optou pelo inglês mais formal. Claro que sabemos que não é possível demonstrar os desvios em uma língua do mesmo jeito que em outra.

Pág. 11-

... menas...

... it least expects it...

Não semos rapariga...

We're not whores...

Pág. 13-

Me aposento-me.

I'm retiring.

Pág. 20-

... e ninguém semos passarinho...

... and we are not birds...

Isso eles não se alembram de contar.

This they don't remenber or talk about.

Pág. 22-

... como se não tivesse nada para dar apuquentação...

... as if he didn't have a thing to worry about.

É privilege.

It's privileged.

Pág. 27-

Adevogado.

Lawyers.

Pág. 33 -

... logo, me arrependo-me ...

... I soon regretted the decision ...

Pág. 37 -

... se amunhecasse como tenho para mim que amunhecasse.

... if he got scared as I assume he would.

Pág. - 48

A gente podemos enforcar ...

We can hang him ...

Pág. 62 –

... me, diga-me.

... tell me.

Pág. 104-

Tu anda, peste ...

Well, you walk, pox ...

Pág. 106 –

Um macaco sergipano avoa.

A monkey from Sergipe could fly ...

Pág. 118 –

Olhe, seu peste, se piar lhe faço-lhe de churrasco nestante,

Look, you pox, if you so much as peep I will barbecue you this moment,

Pág. 127 –

Aí eu olhei no redor e não vi nada.

Then I looked around and saw nothing.

Pág. 128 –

Amuntado num cavalo preto que o suor fedesse tanto que matou pelo cheiro ...

Riding a black horse whose sweat would stink so much that it would kill ...

Pág. 131 –

Eta, que se você acerta no escrivão assim, não ia ter quem escrevinhasse em Japarutuba ...

Man, if you had hit the notory in this fashion there would be no one to notorize in Japarutuba ...

Pág. 146 –

Usado debaixo do subaco.

He wears under his armpit.

Pág. 153 –

... com uns oculos preto e meio capenga.

... wore a black eyeglasses and hobbled a little.

5.3 Léxico referente à culinária, indumentária, objetos, nomes próprios e folclore local

As referências locais são interessantes de observar, porque nem sempre há uma palavra que indique exatamente o que cada coisa signifique pelo simples fato de elas nem sempre existirem em duas ou mais culturas, às vezes precisamos escolher um nome mais próximo para que tenhamos uma “ideia” do que ela realmente represente. O boi tatá não terá a mesma compreensão para um esquimó como nós temos.

Pág. 12 –

Vosmecê sabe, esse apustemado é de Muribeca

You know this pest here is from Muribeca.

... tudo tabaréu ...

... they are all hicks ...

Bóia, saroios e macasadas...

Manioc pies for foods...

Pág. 22-

Bocapio.

Straw bag

Pág. 29 –

Um aboio, disse-me.

A cattle chant, said to me.

Pág. 42 -

Beiju.

Tapioca pie.

Pág. 70 -

... quando chegou no copier, ainda olhou os pé, viu que trazia as esporas, entrou de novo, tirou as esporas, chegou, acocorou, levantou, tirou fumo do aió, picou e disse: sabe?

... when he came out on the porch he looked at his feet and saw that he still had his spurs, came back out, crouched down, got up, picked some tobacco from the straw pouch, shredded it and said: “You know?”

Pág. 79 –

... depois desses vermates, dessas cagibrinas, depois dessas catuabas, dessas jurubebas, desses alcatrões, dessas meopatias, depois dessas mundurebas ...

... after these goldwaters, these vermouthis, these firewaters, after these popskulls, these roguts, these liquid fires, after these tonics ...

Pág. 85 –

... não tenho medo de papafigo, não tenho medo de lobisomem, não tenho medo de escuridão, não tenho medo de zorra de peste nenhuma.

... and I am not afraid of ghosts, I am not afraid of bogeymen, I am not afraid of werewolves, I am not afraid of darkness, I am not afraid of hell ...

Pág. 100 -

... arroteio por Muribeca, subo para Malhada dos Bois, me bato até Gararu, volto para Amparo de São Francisco, me enfio por Aquidabã e Cumbe, me lasco para feira Nova e Divina Pastora e Santa Rosa de Lima e Malhador e Rosário do Catete e Maruim e entro em Santo amaro das Brotas ...

... cicle around to Muribeca, go up to Malhada dos Bois, strike out for Gararu, return to Amparo de São Francisco, slide to Aquidabã and Cumbe, throw myself to feira Nova and Divina Pastora and Santa Rosa de Lima and Malhador and Rosário do Catete and Maruim and I go into Santo amaro das Brotas ...

Pág. 107 –

Amaro, tu é um caçador de teiú retado.

Amaro, you are one hell of a teju Hunter.

Pág. 130-

Quebre essa moringa na cabeça dele.

Break this jug on his head.

Pág. 131-

Aquele ali deve de se chamar Secundino da Moleira Grossa, com aquele pitombo em riba da cabeça, como se fosse umas ôndias.

That one must be called Secundino of the Thick Headfat because of the lump on top of his head, as if had waves.

Pág. 140 –

... diz que é luz de defunto, diz que é caipora pintando.

... light from dead men, bugbears smoking a pipe. *

Pág. 142 –

E é uma raça, que quando tem come cuscus com leite, quando não tem come bró e se sustenta.

And it is a Strong race that eat couscous steeped in milk when they can, and when they can't they eat dry corn meal and they endure.

Pág. 144 –

... nascendo de dentro de uma ipueira, donde saiu todo armado, na mão esquerda uma cruz de mandacaru.

... have been born inside a lagoon whence he sprang up all armed, in his left hand a cross of cactus.

Pág. 146-

... mete a mão no mangue e tira um sururu, tira um gaiamum, tira um aratu, tira umas ostras e come.

... they stick a hand in the mud and pick out a mussel, a land crab, another crab, they pick up some oysters and they eat them.

5.4 Palavras chulas e palavras estrangeiras na variação linguística do sergipano.

A palavra chula ou “palavrão” nos parece a mais corriqueira em uma língua, e quem sabe, talvez a menos estudada. Cada língua inventa a sua. Palavras estrangeiras também sofrem suas variações em outros idiomas, no texto há alguns exemplos.

Pág. 16 –

É entrar naquela sala e sair toda galada.

A woman goes into that office room and she comes out heavy.

Pág. 20

Amaro é que dirige o estudebeque do chefe...

He drives the boss' Studebaker...

Pág. 27 -

hudson.

Hudson.

... bosta, bosta, bosta, seu cabeça de bosta, coração de toloco, filho dum cabrunco.

... shit, shit, you shithead, heart of turd, son of pestilence!

... cão da pustema apustemado ... pirobo semvergonho, pirobão sacano xibundo
 bexiguento chuparino do cão da gota do estupor balaio, mija-já-vareta, tem ginásio...

**... you stinking dog of stench ... you shameless queer, spineless fairy, filthy
 cocksucking pantywaist of the devil of the pox of the basket of manure, prick lover,
 you went to high school...**

Pág. 65 -

Orêmus confitodéu ominipotente beatê Marié sempervirgi beatomicaéli arcanjo beato
 Jones Batista sânuistis apóstis Pedro é de Paulo omnibussântis etibipate cuia
 pecavinimis cogitatone vertetópere mea culpa mea culpa orare promé adidómino
 deunostri ameim.

**Oremus confiteoday omnipotente beath Marieh sempervirgi beatomicaeli arcanjo
 beato Jones Batista sacntis apostis Pedro et Paulo omnibussantis etibitate cuia
 pecavivimis cogitatione verbetopere mea culpa mea culpa orare promeh
 adidomino deunostri amain.**

Indugentum absolutônein é de remissione pacatorum nostroro tributinóbis omnipotes é
 de misericórdia dóminus.

**Indugentum absolutonein et remissione pacatorum nostoro tributinobis omnipotes
 et misericórdia dominus.**

Pág. 68 -

Ô fidumaégua ...

Oh sono of a mare ...

Viu que ele soltou uma porra, será que porra é alguma coisa em língua de padre?

Did you see how he said screw it? You think screw means something in priest language?

Pág. 69 –

... eta caraio ...

... pricklehole ...

Putamerda ...

Whoreshit ...

Pág. 73

— Possa ser — disse o tenente. — Mas na companhia de um sargento corno e desertor, com um pirobo por chofer, não acredito muito, não.

“Maybe,” the lieutenant said. “But when you are in the company of a sergeant who is a cuckold and a deserter with a queer for a driver

Pág. 97 –

... foi um cabra safado ...

...It wa a cheap man ...

Pág. 105-

Já se viu, um macaco saindo ali desse cu dessa velha ...

I saw I saw the old woman ass ...

Pág. 124 –

A machidão toda aí, era Garanhão Santos bezerra, Malvadeza Santos Bezerra, Abusado Santos Bezerra, Tombatudo Santos Bezerra, Comegente Santos Bezerra, Enrabador Santos Bezerra, Rombaquirica Santos Bezerra, Sangrador Santos Bezerra, Vencecavalo Santos Bezerra, todo mundo.

Think of all those men, they would be Stud Santos Bezerra, Wickedness Santos Bezerra, Abusive Santos Bezerra, Knocks-All-Down Santos Bezerra, Eats-people Santos Bezerra, Backscrewer Santos Bezerra, Burst-Pussies Santos Bezerra, Blooddrawer Santos Bezerra, Overcomes-Horses Santos Bezerra, everybody.

Pág. 138 –

... se eu galar esse chão, esse chão nasce árvores de frutos.

... If I come on this ground fruit trees will sprout.

Carniculado da isburriuela, retrelequento do estrulambique.

Carniculated of the burrogilla, retroquelent of the nuckolamud. *

Pág. 156 –

Seu coisa, seu traste, seu trempe.

You thing, you junk, you trash.

6 Considerações:

A auto tradução nos leva a refletir sobre essa relação de ser o autor e tradutor da sua própria obra. Como criador, a liberdade e a dinâmica, em trabalhar no vernáculo, dão ao escritor total domínio do seu universo expressivo e estilístico, manipulando a linguagem e suas ferramentas em função da sua história; as personagens vivenciam plenamente suas histórias e seu mundo; o intimismo artístico e estético do autor prevalece em toda a obra; a comunicação com o leitor é plena, uma vez que estão usando o mesmo código linguístico; há uma simbiose total nesse processo, autor/leitor/obra.

Quanto ao tradutor esse processo é completamente diferente, lembremos que o autor, João Ubaldo Ribeiro, não é bilíngue, ele é um falante de língua portuguesa e fez a versão de seu romance para a língua inglesa, ou seja, o distanciamento dele da língua estrangeira o coloca no patamar de um tradutor comum. Isso quer dizer que o uso e/ou manipulação da língua se dar em nível diferente da sua língua materna, sempre haverá,

assim entendemos, uma releitura de sua obra, não teremos a plenitude da forma e conteúdo, da sua personagem, um sargento do Nordeste brasileiro na língua portuguesa e sim uma personagem aproximada dela em uma cultura e universo adverso ao original. Essa afirmação parece-nos óbvia, no entanto, o que está em jogo não são as escolhas feitas por um tradutor profissional, mas a relação do autor com a sua obra para versão estrangeira.

Acreditamos que João Ubaldo Ribeiro tornou-se autor de duas obras, *Sargento Getúlio*, publicada em 1971, no Brasil e *Sergeant Getúlio* publicada em 1978 nos Estados Unidos, uma para falantes da língua portuguesa e a outra para os falantes da língua inglesa.

7 Referência Bibliográfica:

BRITTO, Paulo Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOUSCAREN, Christian e Davoust, André. **O Inglês Que Você Pensa Que Sabe**. Rio de Janeiro: Pingos nos ii, 1974.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a Tradução**. São Paulo: EDUSC, 2002.

MOUNIN, Georges. **Os Problemas Teóricos da Tradução**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.

MATOSSO, Glauco. **Dicionário do Palavrão e Correlatos/ Inglês- Português, Português – Inglês**. São Paulo: Record, 2ª Edição, 1991.

OUISTINOFF, Michael. **Tradução: História, teorias e métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro; Record, 1982.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sergeant Getúlio**. USA, Avon Books, 1977.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1984.

RICCIARDI, Giovanni. **Auto-retratos: várias entrevistas**. São Paulo; Martins Fontes, 1991.

SILVEIRA, Brenno. **A Arte de Traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

Sites, páginas na internet com entrevistas, críticas e resenhas sobre João Ubaldo Ribeiro:

<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28>

<https://www.youtube.com/watch?v=Dr1WXpNgRzE&t=418s> Roda Viva

<https://www.youtube.com/watch?v=knZ3rrDybOE> Jogo de ideias

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Ubaldo_Ribeiro

<https://www.youtube.com/watch?v=2GSeDOMR5jQ&t=3s>

<https://www.youtube.com/watch?v=oaDesplaadA&t=32s> Gente de expressão

<https://www.youtube.com/watch?v=NEEn3aPq-8og> Vozes Contemporânea

<https://www.youtube.com/watch?v=ybVJakqxo3g&t=231s> leituras

<https://www.youtube.com/watch?v=KH8a--nBrLg> Globo News especial

https://www.youtube.com/watch?v=hc5WTTTD_X4&t=1267s Toque da Casa

<https://www.youtube.com/watch?v=-7OOT9r7DdM> Flipocos